



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PARFOR)**

ANA MARIA SILVA DAS MERCES

**OS DESAFIOS NA DOCENCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A
FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

ABAETETUBA- PA

2017

ANA MARIA SILVA DAS MERCÊS

201350940007

**OS DESAFIOS NA DOCENCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A
FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) como requisito para a graduação no curso de licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), orientado pelo Prof.^a. MSC. Rodrigo Ferreira Moraes.

ABAETETUBA- PA

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M553d Mercês, Ana Maria Silva das.
Os desafios na docência: : contribuições para a formação de
uma professora da educação básica / Ana Maria Silva das Mercês.
— 2017.
31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Rodrigo Ferreira Moraes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2017.

1. Memórias. 2. Escolar. 3. Desafios. 4. Docência. I.
Título.

CDD 370

ANA MARIA SILVA DAS MERCES
201350940007

OS DESÁFIOS NA DOCENCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), na Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, com o conceito _____, sendo considerado _____ em sua forma final pela banca examinadora existente.

Abaetetuba, 26 de maio de 2017

Banca Examinadora

Prof. Msc. Rodrigo Ferreira Moraes

Orientador

Professora Msc. Camila Claíde Oliveira de Souza

Membro (a) da Banca Examinadora

Dedico este trabalho à minha mãe, que era uma mulher forte, corajosa e amiga que me incentivou muito nesta longa caminhada, e é o motivo maior da minha luta, o meu maior troféu de todas as minhas vitórias durante a minha existência

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela fé, esperança e a determinação que tive ao longo desta jornada e por ter tornado o meu sonho realidade.

Ao meu esposo Alan, e ao meu filho Edner, por serem fiéis e companheiros nesta minha trajetória.

Ao meu orientador Prof. Rodrigo Moraes que foi importante neste processo.

Aos professores do curso de Pedagogia da UFPA, que transmitiram conhecimento, experiências e exemplos de vida, à eles expresso o meu profundo agradecimento e respeito.

Agradeço também à todos que direta ou indiretamente cooperaram para a minha formação, em especial, aqueles que foram capazes de demonstrarem gestos de compreensão e bondade na hora das dificuldades desta etapa acadêmica.

Agradeço a Conceição e ao Pablo, coordenadores do PARFOR, por todas as vezes que eles saíam a procura de uma escola para nós fazermos a entre etapa, quando acontecia algum imprevisto.

A todos ofereço a minha eterna gratidão e meu sincero muito obrigada.

Ser professor é a certeza de que faz parte de
sua tarefa docente, não apenas ensinar
conteúdos, mas também ensinar a pensar,
pensar certo (Paulo Freire).

RESUMO

O presente memorial tem como objetivo retomar meus desafios na docência, destacando minha escolarização desde a infância, até a graduação, através do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), minha prática docente. Para isso, busquei autores que tivessem falas dentro das vivências, entre eles: Brandão (2014). Ortiz (2005), Freire (2005), Durkheim (1982), entre outros. Retomei minhas memórias desde a infância, para perceber as diferenças e através disso acreditar em dias melhores; minha vida escolar sempre foi cheia de desafios, mas eles me permitiram chegar até aqui. Minhas experiências profissionais, me deram base, até o meu encontro com o que realmente queria: o magistério, que conquistei com dificuldades e superações que fizeram parte de minha formação nesses quatro anos de graduação, e essas experiências modificam minha vida e aperfeiçoaram minha prática pedagógica.

Palavras-Chave: Memórias; escolar; desafios; docência.

ABSTRACT

This memorial has the objective summarizes my challenges in the teaching, highlighting my schooling since childhood, until graduation, through the National Plan for Teacher Training (PARFOR), my teaching practice. For this reason, I sought authors who had talks within the experiences, among them: Brandão (2014). Ortiz (2005), Freire (2005), Durkheim (1982), among others. This memorial has as objective resume my memories and souvenirs, highlighting my schooling since childhood, until graduation, through the National Plan for Teacher Training (PARFOR), my teaching practice. For this reason, I sought authors who had talks within the experiences, among them: Brandão (2014). Ortiz (2005), Freire (2005), Durkheim (1982), among others. I resumed my memories from childhood, to realize the differences and through addition to believe in better days; my school life was always full of challenges, but they allowed me to get up here. My professional experiences, gave me the basis, until my encounter with what really wanted: the magisterium, which conquered with difficulty and overruns that were part of my training in those four years of undergraduate studies, and these experiences changed my life and perfected my pedagogical practice.

Keywords: Memories; school; challenges; teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. MEMÓRIAS DE UMA VIDA.....	11
1.1. RELATO DE MINHA EXISTÊNCIA	11
2. MEMÓRIAS DO AMBIENTE ESCOLAR.....	13
2.1. ENSINO FUNDAMENTAL DA 1ª A 8ª SÉRIE	13
2.2 NA ADOLESCÊNCIA	15
2.3 FASE ADULTA	15
3. EM BUSCA DA RESALIZAÇÃO PROFISSIONAL.....	18
3.1. EXPERIÊNCIAS DO MAGISTÉRIO.....	18
3.2. O DESFÁCIO NA DOCÊNCIA	21
4. A OPORTUNIDADE DO PARFOR.....	23
4.1. O DIFERENCIAL NA MINHA FORMAÇÃO	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

Para se conhecer um profissional é necessário fazer um resgate de seu passado, a cada momento de sua história contribuiu para a formação do pensamento e personalidade de um indivíduo. Este memorial de formação consiste em um texto autobiográfico, onde segundo Carrilho et. al. (1997, p. 04) “o autor descreve a sua trajetória estudantil e profissional de forma crítica e reflexiva”, o qual apresenta os relatos dos principais os acontecimentos que contribuíram para ao meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com as classes, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares” (BOSI,1994, p. 17).

Escrever este memorial de formação foi um grande desafio, caminhei em busca do meu passado que estava esquecido, o que seria relevante contar, foram vários dias pensando sobre quais memórias deveriam percorrer.

A memória é uma evolução que depende da interação com o grupo, Bosi (1994) o grupo é o suporte de memória, tanto que “quando o grupo é efêmero e logo se dispersa como uma classe para o professor, é difícil reter o caráter e a fisionomia de cada aluno. Para os alunos as lembranças são mais sólidas, pois tais fisionomias e caracteres suas convivências de anos a fio” (BOSI, 1994, p. 414).

Para mim foi um grande desafio escrever este memorial. Pois ao relembrar os momentos inesquecíveis que vivi na minha infância, na vida estudantil, na docência e o caminho percorrido até a universidade, percebi ao longo caminho as derrotas, conquistas e aprendizados que passei até chegar neste momento. Confesso que muitos momentos deixaram de ser escritos e registrados aqui, momentos estes que foram de tristezas e alegrias ocorridas em determinada época.

A memória acontece quando provocada, quando alguém ou algum fato nos conduz de volta ao passado. De acordo com Bosi (1994, p39):

A memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vividas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escola, no jardim, ou na despedida do portão, [...] continuando a escutar, ouvirmos o outro tanto e ainda mais e seria preciso escutar o infinito (BOSI, 1994, p 39).

A memória busca resgatar o passado. Contudo é impossível resgatá-lo fielmente. Existem lacunas e perdas. “Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer

reconstruir, pensar com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

A lembrança é uma imagem construída pela referência que a disposição no conjunto de representações que povoam a consciência atual. Sendo assim, a memória individual não está isolada, ela torna pontos externos aos sujeitos como referências (BOCI, 1994, p.55).

Aqui compartilho as experiências escolares que marcaram a minha vida, as dificuldades, frustrações e alegrias que me guiaram entre sonho e a realidade de ser professora. A busca na influência das pessoas contribuiu na construção da minha identidade profissional, estabelecendo relações entre as fases mais marcantes da minha vida que vão desde os primeiros anos escolares, passando pelo magistério, realização profissional até a formação acadêmica.

O texto está dividido em quatro seções, a primeira seção apresenta os relatos da minha infância, a minha família e os obstáculos superados nessa etapa da vida. Na segunda seção externo minhas vivências pessoais na adolescência, proporcionando momentos de satisfação e de realização dentro das escolhas que tive que estudar e trabalhar nestes anos de minha vida.

Na terceira sessão apresento meus relatos do tempo em que fiz o magistério, e o primeiro contato a experiência profissional, na quarta mostro o desenvolvimento que obtive na Universidade Federal do Pará (UFPA), no curso de Licenciatura em Pedagogia através do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), no qual me envolvi com intenção de obter novos conhecimentos que colaboraram para que eu observasse mais e melhor o meu desenvolvimento pessoal e profissional,

Espero que este trabalho contribua com o leitor, no sentido de que ele possa perceber que para conseguirmos vencer é necessário lutar muito e não desistir dos sonhos, mais sim ter esperança, e nunca deixar que as dificuldades do momento sejam maiores que a vontade de vencer.

1. MEMÓRIAS DE UMA VIDA

1.1. RELATO DE MINHA EXISTÊNCIA

Ao lembrar meu passado retorno a um encontro comigo mesmo, é como voltar ao tempo de brincadeiras, conquistas e aprendizagens. Ao lembrar minha história de vida logo penso em minha infância repleta de acontecimentos que marcaram o início de minha vida.

Sou filha de Raimundo das Mercês e Francisca Silva das Mercês (já falecida), os quais me deram o nome de Ana Maria Silva das Mercês, nasci no dia 12 de junho de 1963, no município de Abaetetuba, de parto normal, minha mãe foi assistida por uma parteira experiente, mas graças a Deus e as mãos abençoadas daquela parteira, deu tudo certo e estou aqui contando a minha história de vida.

Meu pai nasceu no dia 1º de junho de 1938 no interior do município de Abaetetuba, no Rio Pirocaba¹. Ele parou de estudar aos oito anos de idade, pois nessa época as pessoas não se interessavam pelos estudos, ao invés de estudar, as crianças por falta de incentivo, começavam a trabalhar logo cedo, após largar os estudos, o meu pai foi vender doces na rua, com isso ele não aproveitou a sua infância e nem teve oportunidade de terminar os estudos.

Ao longo do tempo, por diversas situações como a falta de oportunidade as crianças muitas vezes foram obrigadas a trabalhar e eram mantidas fora da escola, sem nenhuma proteção. De acordo com Ministério do Trabalho e Emprego (2013) através da Constituição Federal de 1988, permitiu-se que adolescentes, com idade entre quatorze e dezoito anos, possam trabalhar na condição de aprendizes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, prediz o direito a aprendizagem de forma a garantir a proteção integral da criança e do adolescente. Para Durkheim (1999) a falta de trabalho, está ligada a falta de oportunidade no quesito educação, e que a sociedade impede a ela mesma e aos seus membros de se desenvolver.

Já minha mãe estudou por mais tempo, até o quarto ano primário, que também é conhecido como ensino primário. Nessa época quem tinha o ensino primário podia assumir a sala de aula. Mas o meu pai impediu a minha mãe de trabalhar fora, ela tinha que ficar em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos.

A minha família era humilde, o meu pai trabalhava como padeiro e minha mãe era dona de casa, como o salário do meu pai não supria as nossas necessidades e minha mãe complementava a renda com trabalhos de costuras, ela comprava tecido para fazer as nossas roupas.

¹ Uma das setenta e duas (72) ilhas do município de Abaetetuba

Este parágrafo merece destaque, pois a minha avó por parte de mãe cursou o ensino primário completo e criou seus filhos com muita dificuldade, mas ela sempre acreditou na educação e procurava investir no futuro dos filhos. O meu avô era analfabeto, mesmo assim, queria que tivéssemos um futuro diferente do dele e conseguiu. A maioria dos seus filhos estudaram e se formaram em grandes profissões como: médico, enfermeiro, dentista, psicólogo, professor etc.

Com relação à minha família destaco os meus irmãos com grande alegria, éramos oito, sendo cinco mulheres e três homens: Eu e minhas irmãs e irmãos: Francisca Helena Silva das Mercês, Maria da Conceição Silva das Mercês, Elaine Silva das Mercês, Joana Célia Silva das Mercês, Ronaldo Silva das Mercês, Rui Silva das Mercês, Ricardo Silva das Mercês.

Recordo também que nesse tempo, as pessoas ficavam na frente de suas casas à noite, conversando ou contando histórias e lendas. Lembro de meu avô, que mesmo sem frequentar uma escola aprendeu a ler através da Bíblia, isso prova que a educação não está apenas nas escolas, “[...] não há um único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o único praticante” (BRANDÃO, 2004, p. 09).

No quintal dos meus avós havia um igarapé, onde eu aprendi a nadar com os meus irmãos, lembro que lá tinha um forno de barro² e uma seringueira³. O meu avô trabalhava com barro para fabricar telhas, tijolos e vasos, para vender e eu e meus irmãos tirávamos leite da seringueira para produzirmos bolas para brincar de queimada.

Enfim fui crescendo junto com meus irmãos e primos, fui muito feliz e aproveitei bastante a minha infância. Recordo que tinha um tempo para cada brincadeira, muitas aconteciam no quintal de casa, onde aprendemos a subir em árvores, jogar pião, jogar peteca e etc . Brincar era uma atividade prazerosa que traz em mim muitas recordações de momentos felizes e descontraídos, para Ortiz (2005, p.16):

A brincadeira envolve toda a vida da criança, é um meio de aprendizagem espontânea e exercida de hábitos intelectuais, físicos e ou morais [...]. É uma constante vital na evolução psicoemocional e espiritual do homem. Cumpre a missão de nutrir, formar e alimentar o crescimento integral da pessoa.

As brincadeiras contribuíram para o meu desenvolvimento durante a minha vida, na minha aprendizagem, no meu hábito intelectual, físico e moral. Ainda segundo Ortiz (2005, p. 17) “é por meio das brincadeiras que as crianças conseguem se incluir no mundo do adulto, no qual consegue adquirir controle

² Terra cavada com limo (Scottini, 2009), também conhecida como argila.

³ Planta a Amazônia cujo látex se obtém a borracha (Scottini, 2009)

interior, auto-estima e confiança, levando a agir de maneira mais ativa para a vivenciar algumas tomadas de decisão como por exemplo comer, vestir-se, relacionar com os colegas, entre outros.

2. MEMÓRIAS DO AMBIENTE ESCOLAR

2.1. ENSINO FUNDAMENTAL DA 1ª A 8ª SÉRIE

Nesta seção escrevo sobre a minha vida escolar, os desafios vencidos e as lembranças das escolas onde tive a oportunidade de estudar dos anos iniciais até os finais, como era a educação naquela época.

Naquela época não tinha educação infantil, os alunos começavam na 1ª série (ou primário) aos sete anos de idade, na hora do intervalo cada aluno levava o seu copo de plástico em uma sacola de tecido.

Lembro da minha primeira professora sempre risonha, atenta aos alunos, elogiando uns, incentivando outros, fazendo festa para todos, ou chamando a atenção quando era necessário, essas características que a marcaram com uma boa professora.

No ano de 1970 comecei a estudar na escola Basílio de Carvalho, colégio mostrado na Figura 1, nesse mesmo ano a escola passou por uma reforma e os alunos foram remanejados, para a barraca da comunidade de Nossa Senhora da Conceição. Com isso outra professora assumiu a turma, ela demonstrava ser mais severa, os alunos não poderiam se levantar da cadeira, caso contrário, recebiam uma puxada na orelha, os professores ditavam as regras e os alunos deveriam obedecer. Um exemplo que se pode destacar era o aluno ao errar uma conta de tabuada, poderia ser punido apanhando na mão com a chamada palmatória.

FIGURA 1 - Foto da Prédio da Escola Basílio de Carvalho



Fonte: ROCHA (1970)

Não havia diálogo entre o professor e os alunos dentro da sala, tudo já estava determinado e pronto para ser executado, pois nessa época era exatamente isso que acontecia,

ou seja, nenhum aluno podia questionar os ensinamentos que eram considerados exemplos a serem seguidos por todos os alunos. Saviani (1984, p.9) afirma que:

A escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber. Elaborando ciência bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. Os conteúdos que constituem esse saber elaborado não poderão ser considerados de forma estática e acabada, pois são conhecimentos dinâmicos, precisam ser conduzidos para que ao mesmo tempo em que transmitam a cultura acumulada, contribuam para a produção de novos conhecimentos.

Tomando por base o currículo escolar, deverá ser feita uma seleção dos conteúdos a serem estudados, cujos procedimentos serão a problematização e a análise crítica. Nessa perspectiva vale ressaltar o que diz Freire (1987) quando destaca que se os professores e alunos exercitarem a produção de novos conhecimentos com base nos conteúdos impostos pelos currículos escolares, estariam de fato consolidando para seu poder de contribuir para a transformação de sociedade.

Esse método tradicional contribuiu pelo meu crescimento porque me tornei uma pessoa responsável com a minha profissão e também nunca esqueci dos meus valores e deveres como cidadã.

Sempre tive a vontade de fazer perguntas e me sentia mal por ficar restrita as falas do professor, principalmente porque ficava com muitas dúvidas. Freire (2005) esclarece as consequências das ações de alguns professores que tive que conviver nesse período:

Se o educador é o que sabe e os educandos são os que não sabem de nada, cabe aquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixar de ser de “experiência feita” para ser de experiência narrada ou transmitida. Não é de estranhar, pois que nesta visão bancária da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, dos ajustamentos. Quanto mais se ser exercitemos educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos tanto menos desenvolverão em sua consciência crítica de que resultara a sua inserção no mundo, como transformadores deles, como sujeitos (FREIRE,2005, p. 68).

Certas situações fizeram com que fossemos remanejados para outro colégio chamado Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA) que é um colégio dirigido por freiras, na entrada era tradição fazer oração na capela e logo após cantar o hino nacional brasileiro, antes de entrar para a sala de aula

2.2 NA ADOLESCÊNCIA

Os meus pais não tinham condições de custear os meus estudos, então aos treze anos de idade tive que ir a outra cidade para trabalhar em casa de família, isso aconteceu no ano de 1976. Apesar de minha mãe ser contrária à minha ida para Belém no Pará, eu fui mesmo assim.

A experiência como doméstica não foi boa, trabalhar e estudar ao mesmo tempo não é nada fácil, eu tinha que fazer todos os serviços da casa e isso atrapalhava os meus estudos, pois eu não tinha tempo para estudar.

Como a casa era alugada, sempre tínhamos que nos mudar quando terminava o contrato. A primeira escola que estudei foi a Escola Santa Teresinha, que ficava no Bairro do Jurunas e a segunda foi a Escola São Pio X, lá cursei até a 4ª série, nesta última tive dificuldades, porque cada instituição tem a sua própria metodologia de ensino.

2.3 FASE ADULTA

Ao retornar para a minha cidade natal, fiquei muito doente e não voltei mais para Belém por um longo intervalo de tempo. Logo em seguida fui para a cidade de Igarapé-Miri, que também fica no estado do Pará, no ano de 1981, onde cursei a 5ª série no Colégio Aristóteles.

Desse período me recordo de uma professora de Matemática que era uma religiosa, quando ela ensinava as contas de divisão, com método diferente e mais difícil, eu sempre ficava confusa, e não procurava perguntar a ela, já que tinha receio de perguntar.

Mas o professor, por sua vez espera que os alunos demonstrem interesse pelo conteúdo e atividades propostas, que realizem as atividades com atenção, que demonstrem atitudes com respeito e responsabilidade em sala de aula. Esses compromissos recíprocos esperados por alunos e professores não estão explícitos na organização escolar.

De acordo com Brausseau (apud D' Amore, 2007, p 101):

Em uma situação de ensino, preparada e realizada por um professor, o aluno normalmente tem como tarefa resolver o problema (matemática) que lhe é apresentado, mais o acesso a essa tarefa é feito por meio de interpretações das obrigações impostas que são constantes no modo de ensinar do professor. Esses hábitos (específicos) do professor esperados pelos alunos e o comportamento do aluno esperado pelo docente constituem o contrato didático.

Ainda de acordo com Brausseau (apud Azevedo, 2008):

Numa situação didática deve haver a intenção do professor em modificar o conhecimento do aluno (vocabulário, formas argumentação, referências culturais, formas de decisão). Da interação entre professor e aluno resultam obrigações, compromissos recíprocos, nem sempre são explícitos, mas que são esperados por ambas as partes. Esses compromissos não explicitados são denominados de contrato didático.

Nesse período que passei na cidade de Igarapé-Miri, já estava na fase adulta, como eu não conseguia conciliar os estudos com o trabalho, resolvi largar o emprego e voltar para Abaetetuba, no meio do ano minha mãe me matriculou na escola Bernadinho Pereira de Barros, que ficava próximo à nossa casa, para fazer a sexta série.

Nessa escola, o aluno já podia participar do grêmio estudantil⁴, dar a sua opinião e cada sala tinha o seu representante de turma, e isso acontecia quando o professor dava liberdade aos alunos, mas ainda existiam aqueles professores que não permitiam que os alunos expressassem a sua opinião.

A criação de grêmios estudantis naquela época foi um importante passo para contribuir para o debate sobre gestão democrática na escola. Atualmente existem várias publicações que abordam a temática da participação do grêmio estudantil na gestão escolar democrática, isto conduz a uma formação humana participativa, porque ela supõe transparência das ações da gestão escolar.

Pois existem alguns mecanismos da participação escolar que contribuem para que a escola se transforme em um espaço cuja função social além do ensino e aprendizagem, mas com isso que a gestão democrática irá resolver os problemas da instituição de ensino “Não podemos pensar que a gestão democrática resolverá todos os problemas do ensino ou da educação, mas sua implementação é hoje uma exigência da sociedade que vê com um dos possíveis caminhos para a democratização do poder na escola e na sociedade”. (Godotti 2004, p. 92)

Na oitava série uma colega de turma me pediu o gabarito da prova, o professor ouviu ela pedir, e descontou cinco décimos de mim e por causa disso eu acabei ficando reprovada na disciplina de Língua Portuguesa.

Trago boas lembranças das aulas práticas de educação física, que geralmente aconteciam em turnos opostos, ou seja, eu participava pela manhã já que estudava pela parte da tarde, durante a aula corríamos, fazíamos vários exercícios, e eu adorava os momentos que praticávamos o voleibol e o atletismo.

⁴ O grêmio é fruto das lutas dos estudantes organizados em suas entidades estaduais e nacional com UBES-UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDÁRISTAS.

O desenvolvimento integral da criança é um dos aspectos que dizem respeito à educação, a atividade física dentro do ambiente escolar, promove à educação de corpo inteiro, Freire (1997, p. 84) diz que:

A educação física não é apenas educação do ou pelo movimento é educação do corpo inteiro, entendendo-se, por isso, um corpo e objetos, no espaço. Educar corporalmente uma pessoa não significa provê-la de movimentos apenas. Significa também educa-la para não se movimentar, sendo necessário para isso promoverem-se tensões e relaxamentos, fazer e não fazer.

O uso do corpo e do lúdico nas atividades escolares em especial na educação física, tem sido muitas vezes atrativo para que as crianças e/ou adolescentes permaneçam na escola, pois muitos aproveitam este momento para descontrair e extravasar a suas energias. Era assim comigo, aquela descontração foi muito importante naquela fase da minha vida.

Recordo também dos desfiles de 7 de setembro, quando desfilávamos na rua representando a nossa pátria, todas as escolas eram obrigadas a participar, pela imposição do Governo Federal. Cada uma se preparava para ser melhor que as outras no desfile na avenida, tinha concurso de bandas marciais, era tudo muito bonito apesar de ser obrigatório.

3. EM BUSCA DA RESALIZAÇÃO PROFISSIONAL

3.1. EXPERIÊNCIAS DO MAGISTÉRIO

Ao terminar a oitava série, os alunos daquela época tinham a opção de fazer um curso técnico junto com o ensino médio na escola que ofertasse a habilitação desejada, o colégio Bernadinho ofertava o Ensino Médio somente com habilitação técnica em magistério, de acordo com BRASIL (1996) o magistério era considerado a formação mínima para ministrar aulas para a educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, essa habilitação era oferecida em nível médio. Eu es por escolhi fazer o magistério. Apesar de existirem outras habilitações nas outras escolas, por exemplo na escola Pedro Teixeira a habilitação em contabilidade, mesmo assim não tive dúvidas na antes de minha escolha. Segundo Almeida (1998, p.28):

O magistério primário, com ocupação essencialmente feminina, [...] possibilitou ás mulheres [...] a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. A possibilidade de aliar o trabalho doméstico e a maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que ser “professora se tornasse extremamente popular entre as jovens.

Ser professora foi algo que sempre aspirei para a minha vida, devido as dificuldades de quando estava estudando, porque os professores faziam greves, e eu achava que eles não se importavam com os alunos e foi por isso que escolhi ser professora. Eu entendia do que se tratava a greve, mas alguns professores não atendiam as minhas expectativas quando as aulas retornavam, pois, as aulas não eram completamente repostas.

A greve é um dos instrumentos mais utilizados pelos trabalhadores na sociedade capitalista, para reivindicar, por exemplo, a manutenção de direitos adquirir melhores salários e condições de trabalho mais dignas.

Emile Durkheim afirma que:

A questão social é também moral, visto como envolve ideias e valores diferentes dos da consciência coletiva. Ele defende que os desejos de alguns indivíduos ou grupos devem estar submetidos aos sentimentos gerais da sociedade em vez de prevalecer sobre eles. Assim uma sociedade, dividida não pode ser normal, pois o fundamental é manter a solidariedade orgânica decorrente da divisão do trabalho social (DURKHEIM apud Tonazzi, 2013, p. 197).

Me recordo que a professora de didática falava da ética que o professor tem que ter, de não delatar o seu colega de trabalho mesmo se ele estiver errado. Nesse caso é recomendado sempre trabalhar em conjunto para se ajudarem. Aristóteles (,1973, p. 256) afirma que:

Tais coisas dependem de circunstâncias particulares e quem decide é a percepção. Fica bem claro, pois que em todas as coisas o meio termo é digno de ser louvado, mas que as vezes devemos inclinar-nos para o excesso e outras vezes para a deficiência. Efetivamente essa é a maneira mais fácil de atingir o meio-termo o que é certo.

A partir da citação de Aristóteles e de outros exemplos de avaliação de comportamentos em que, dependendo das circunstâncias, o justo meio que deveria inclinar-se para o excesso ou a falta. No caso de vaidade, vergonha, confiança, gentileza e respeito próprio. Essa teoria trago até hoje durante a minha trajetória de vida.

No terceiro ano do magistério, a professora de didática pediu que os alunos da turma fossem para as escolas do município de Abaetetuba, para estagiar em dupla. Eu e minha colega escolhemos estagiar onde comecei os estudos e ao chegar lá, nós fomos apresentadas a direção da escola, logo a secretária nos mostrou a escola: ao chegarmos na sala da professora de 1ª série, para fazermos o acompanhamento, ela demonstrou indiferença conosco e demonstrou com olhares incômodos com a nossa presença. Essa primeira a experiência já apresentava a suas dificuldades.

Nós percebemos que não havia dialogo, entre professor e alunos, ou seja, no início da aula o professor não discute com os alunos o assunto que será abordado nas aulas e nem procura saber o nível de conhecimento dos alunos, para a partir dar planejar com os alunos o conteúdo programático a ser ensinado. “Assim é a escola: o aluno chega a ela e vai recebendo os conteúdos dos programas de cada série, previamente estipulados, sem que seja levada em consideração a importância deste conteúdo para a sua vida” (SILVA, 2007, P. 82)

Para Alves & Dimenstein (2003) a escola está distante da realidade do aluno, de tal forma que se pode fazer uma analogia entre a vontade de comer e a de estudar, onde se oferece o que não se quer comer, sem consultar a pessoa faminta, apenas se oferecia a comida indesejável.

Isso acontece com frequência, até nos dias de hoje, o professor, pela própria profissão, estava mais acostumado a falar do que ouvir o que o aluno tem a dizer. Há casos em que o professor apenas repassa o conteúdo programático sem conversar com o aluno a respeito da disciplina, trabalha conceitos complexos e considerados abstratos até mesmo para ele. Segundo:

“Está alienação é uma via que, por um lado tem o homem enquanto sujeito que não percebe como criador da sociedade e, por outro lado, homem que ignora o de que a sociedade criada por ele determina suas ações e pensamentos. (CHAUI, 2002, P.17)

O problema ao meu ver, inicia quando o processo de ensino e aprendizagem, que deve ser uma “via de mão dupla”, passa a ter apenas uma via: a do ensino, sem ter o interesse de procurar saber o porquê, como professor como professor, eu ensino este conteúdo, e de que forma esse conteúdo servirá nas vidas dos alunos

Durante o meu período de estágio, vivenciei algumas situações semelhantes, os conteúdos abordados estavam distantes da realidade do aluno, assim observei o total desinteresse dos alunos pelo assunto, pela disciplina e até mesmo pela escola, logo pude compreender o porquê da minha antipatia por algumas disciplinas no meu tempo de ensino médio.

Em alguns casos podemos modificar essa identidade dos conteúdos denominados “chatos” pelos alunos para algo mais interessante ao aluno. Imagine um professor preocupado em repassar o mais rápido possível o conteúdo para os alunos, já visando as provas. E mesmo com cotidiano dos alunos, parece que ainda está longe de fazer essa aproximação. “Para que ocorra essa aproximação, necessário que ocorra mudança de mentalidade, que o professor para refletir e discutir sobre a sua prática docente, sobre o que se ensina e para quem se ensina” (SILVA, 2007, p. 82)

No outro dia, uma professora faltou e a secretária, pediu para nós duas ministrarmos a aula naquele dia. A secretária nos repassou o plano de aula, com isso lecionamos a disciplina de matemática com a temática da família dos números, nós achamos interessante o conteúdo repassado e minha colega de estágio sabia a metodologia para se trabalhar com o tema proposto.

. Consegui concluir o ensino médio com habilitação técnica e magistério no dia 10 de fevereiro de 1989, na Barraca da Igreja de Nossa Senhora Conceição, no município de Abaetetuba, a FIGURA 2 mostra minha a foto de formatura do Ensino Médio

FIGURA 2 – Foto de formatura do Ensino Médio



Fonte: Arquivo Pessoal (1989)

Cada formando resolveu fazer a sua festa particular, eu ainda tinha um emprego, mas com os trabalhos de artesanato e crochê conseguir dinheiro para comprar meu anel, meu sapato e bolo. A alegria durou pouco tempo, pois uma colega da turma, faleceu de leucemia na mesma semana em que nos formamos.

3.2. O DESAFIO NA DOCÊNCIA

Comecei a trabalhar com professora na zona urbana de Abaetetuba, na Escola Nossa Senhora Santana, que era uma instituição de ensino privada conveniada com o Governo do Estado do Pará, localizada na Avenida D Pedro I. A turma era da educação infantil, para mim foi um grande desafio, queria ser diferente de alguns professores que passaram na minha vida, queria inovar a forma de ser professora.

Mesmo somente com as experiências dos estágios oferecidos durante meu curso de magistério, me dediquei ao máximo nessa empreitada e fiz diferente, comecei a buscar entre professores que lecionavam na escola: as suas experiências na sala de aula.

Lecionei durante cinco anos na escola e lá mesmo mudei de cargo, passei a trabalhar com funcionária pública estadual, no cargo de secretária, por motivo de saúde e recomendação médica.

Nessa época foi realizado o concurso público de Abaetetuba, como eu estava trabalhando pelo Estado, não quis prestar esse concurso, e posteriormente me arrependi, isso foi uma ingenuidade, pois como minha mãe sempre se esforçava para dar um futuro melhor para os filhos, ela me deu dinheiro para eu me inscrever, chegando lá tinha uma fila longa que dobrava o quarteirão, eu desisti de me inscrever e devolvi o dinheiro para minha mãe, não acreditando na seriedade daquele processo seletivo.

Observei que tinha funcionários públicos estaduais que estavam para se aposentar e isso foi um dos motivos para não me inscrever neste concurso público, pois pensava que futuramente eu seria efetivada. No entanto aquele pensamento infantil da minha parte me fez perde a oportunidade de me tornar funcionária efetiva via concurso público, pois até hoje trabalho por contratos.

Durante esses anos de trabalho, participei de várias formações, sempre com a educação infantil. Em uma das formações a palestrante, que era religiosa, colocou a gente para dormir e depois perguntou “O que vocês viram durante o sonho?”. Eu respondi que tinha me visto brincando no lado de casa, aos sete anos de idade. Logo em seguida ela me disse que a criança que eu era, ainda está presente em mim.

No ano de 1999, tive uma experiência como gestora na Escola São Pedro, que ficava localizada na rua Pedro Rodrigues. Além de gestora, atuava com professora, a escola era conveniada com a prefeitura, e ao trocar o prefeito, o convênio não foi renovado.

Como já tinha feito a matrícula dos alunos, resolvi continuar com a escola, convoquei uma reunião e lancei a proposta da escola continuar a funcionar mediante a cobrança de mensalidade de cinco reais por aluno, porém muitos dos pais não pagavam, e para não fechar as portas ficamos trabalhando voluntariamente, o único recuso que recebíamos da prefeitura foi a merenda escolar.

No ano seguinte fui trabalhar nas ilhas de Abaetetuba, lá surgiram comentários de que o professor que não tivesse nível superior não poderia ficar atuando na sala de aula. Esse comentário surgiu em meados do primeiro mandato do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva.

Com a Constituição Federal de 1988 e a LDB, o país vivenciou mudanças significativas nas esferas econômica, social. Surgiram expectativas de uma nova LDB. Somente em 1996, contudo, a educação iria passar a aplicar novos dispositivos legais. Trata das principais orientações dessa legislação (Art.62) define que:

A formação de docente para atuar na educação básica far-se a nível superior, em curso de licenciatura de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação admitindo como formação mínima para os exercícios do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, modalidade normal.

Com a emenda Constitucional nº53/06 que criou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização de Profissionais de Educação (FUNDEF). Que foi aprovado em 06 de dezembro de 2006, tem por objetivo proporcionar a elevação de uma nova distribuição dos investimentos em educação.

Como eu ainda não tinha feito um curso de licenciatura, e nem tinha condições de fazer cursinho pré-vestibular, resolvi fazer novamente o ensino médio, no ano de 2001, na Escola Benvinda de Araújo Pontes, como estava muito tempo sem estudar, queria rever o conteúdo das disciplinas do ensino médio.

Aqui abordo uma conversa com uma professora de Matemática, que comentou comigo que era para mim tentar o vestibular, e que eu estava perdendo tempo retornando ao ensino médio, e que os candidatos eram aprovados por sorte. Eu tinha opinião contrária, não pensava que estava perdendo tempo e também tinha a convicção de que passaria no vestibular se eu estudasse.

Resolvi aceitar parcialmente o conselho dela, e tentei fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), consegui alcançar uma pontuação maior que minha irmã que fez cursinho, mas mesmo assim não passei.

4. A OPORTUNIDADE DO PARFOR

Nessa seção escrevo sobre a minha formação acadêmica e as contribuições para a minhas práxis pedagógicas e a relevância na vida pessoal e profissional.

4.1. O DIFERENCIAL NA MINHA FORMAÇÃO

No ano de 2013, tive oportunidade cursar licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) através do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), resultado de uma ação conjunta do Ministério da Educação (MEC) instituições Públicas de Ensino Superior (PES) e Secretárias de Educação dos Municípios no âmbito do Plano de Metas e compromissos (PDE), além da Todos Pela Educação (TPE), assim se estabeleceu no país um novo regime de colaboração da união com os estados e municípios, respeitando a autonomia dos entes federados.

A expectativa para a primeira aula foi enorme, começamos a ter aulas na Escola Benvinda de Araújo Pontes, no dia 1 de janeiro do mesmo ano. Nunca imaginava uma forma de avaliação diferente da prova, seminário, pesquisas e outras coisas do gênero, procedimentos pelos quais fui avaliada, até conhecer os diários no início de minha trajetória acadêmica. O contato com as disciplinas aconteceu no primeiro semestre de curso.

Ao longo dessa trajetória se abriram leques de novas experiências e conhecimentos adquiridos, sendo de grande relevância para mim, houve mudanças na minha visão sobre as relações interpessoais e tudo isso contribuiu para eu me tornar uma profissional ainda mais comprometida com a educação.

Em um período letivo fizemos uma atividade de resgate de memória, que eles remeteram as origens de nossas escolhas pela pedagogia, e pela licenciatura. O interessante foi que as marcas deixadas em nós pelos professores tanto de forma positiva, que mostraram o seu jeito especial de dar aula, quanto de forma negativa, que tinham uma postura impositiva e intransigente. Comecei a questionar que marcas gostaríamos de deixar em meus alunos no futuro.

Daí comecei a perceber que eu também tinha trazido algo comigo de meus professores em épocas anteriores, estava me enchendo de conceitos e percepções repassados anteriormente por nossos professores.

Mas o que me surpreendeu foi ouvir a professora dizer que quando ela começou a fazer a graduação, descobriu que não sabia ler, isso de certa forma me confortou, uma vez que tenho um exemplo vivo de que havia passado pelas mesmas dificuldades que eu e conseguiu superá-las, isso me incentivou a aspirar obter o mesmo sucesso.

Ao longo da minha trajetória na Universidade, vivi situações diversas e adversas, dos quais tirei grandes lições, que até o momento não iriam influenciar na construção de meus ideais de hoje.

Ideias que podem ser ou não ser as de amanhã, já que na vida estamos sujeitos a constantes transformações, que podem ser provocadas pelo momento em que estamos vivendo. “Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminando pelo aqui e agora” (SOARES,2001, p. 37).

Escrever esses momentos foi de grande valor para mim, porque me permitiu refletir sobre alguns dos acontecimentos ocorridos durante a minha vida acadêmica, pois o professor de ludicidade e educação, com sua prática de ensino nos levou para a quadra do Campus Universitário de Abaetetuba, onde participamos de jogos, com por exemplo a queimada, isso me lembrou da minha infância e adolescência.

Também durante o nosso curso acadêmico, passamos por várias escolas e creches, ouvimos relatos das experiências dos professores que contribuíram na minha prática pedagógica. Ao chegarmos para realizar o quarto estágio supervisionado, fui recebida com muita alegria pelas crianças. Todos me receberam com carinho e alegria, apesar do espaço ser pequeno me senti acolhida.

Durante o estágio, observei que as aulas eram dinâmicas e interativas, onde a atividade proposta pela professora permitiu que as crianças tivessem liberdade para exercer a sua criatividade e aprender com ela, visto que o entusiasmo é característico das crianças.

Quando comecei a ministrar aula, procurei conhecer um pouco sobre cada aluno, percebi as dificuldades, pois sabia que para conseguir uma relação harmoniosa com os alunos eu tinha que conquistar a confiança dos alunos. Para Buenos *et. al.* (2002) “Para conhecer é necessário buscar enfrentando assim as dificuldades presentes e assim tentamos fazer”.

A maioria das aulas, era ministrada em dupla, sendo eu e uma colega de turma, não havendo nenhum planejamento juntamente com professor, isso de certo modo me incomodou, pois estávamos cheias de novas ideias e queríamos aplicá-las. Então planejamos e ministramos a nossa aula. Chassot (2001, p.404) afirma que:

Isso se baseia no princípio do “encharcar o ensino de realidade; trabalhar de uma forma construtiva, partindo do conhecimento, que o aluno trazia consigo, tentando transformar o conhecimento, próprio do [...] em conhecimento compreensível para o aluno no nível de escolaridade que se encontra.

Naquele momento em que nós nos ativemos a observação do ambiente escolar, da aula ministrada pelo professor com o qual nós trabalhamos e daqueles alunos, nos deparamos com um ambiente onde a estrutura da escola acabava por atrapalhar o processo de ensino e aprendizagem: sala quentes, ventiladores fracos, barulho vindo da rua, mas mesmo assim os alunos se interessavam.

Quando fui a primeira vez na escola, ficamos bem à vontade e os funcionários foram bastante receptivos, a partir desse momento passei a compreender cada vez mais que os métodos e as formas de aprendizagem influenciam de fato no desenvolvimento do educando, e o dever da escola e do corpo docente com as responsabilidades de possibilitarem um processo que promova a atenção dos educandos que passam a se sentir não só atraídos mais também entusiasmo com o ensino.

Freire (1991) defende com veemência a formação continuada do docente e nos engrandece com suas contribuições dizendo que “por isso que na formação permanente dos professores o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem, que se pode melhorar a próxima”. (FREIRE, 1996, p.22).

Ao passar dos semestres fui me preparando melhor para os seminários, já havia uma segurança nas minhas falas, que fui adquirindo gradativamente, de forma prazerosa, e me superando a cada disciplina. Até finalizar minha graduação, a FIGURA 3 mostra uma foto tirada no Bota-Fora⁵, em comemoração ao termino das disciplinas.

⁵ Comemoração da finalização do curso de graduação, que em geral os formandos saem em carro aberto das instituições de ensino passando por suas residências terminando com um momento de lazer em um Club privado.

Figura 3 Bota-Fora em comemoração a finalização do curso.



Fonte: Arquivo Pessoal (2017)

Hoje tenho plena consciência da responsabilidade da minha profissão, e para com os meus alunos e imensa consideração pelos meus colegas de profissão. Enfim, estou deslumbrada com a minha história de vida, muito embora eu saiba que alguns detalhes se perderam, mas essa é a minha história. Segundo BERGSON (apud RICOUER, 2006, p 137):

Nossa lembrança permanece ligada ao passado por suas raízes profundas, e se uma vez realizada, ela não fosse sentida em sua virtualidade original. Se ela não fosse ao mesmo tempo, que um estado mesmo tempo presente, algo que decide sobre o presente, jamais a reconheceríamos, como uma lembrança.

A minha história continua assim como o meu anseio de estudar e aprender é constante, agora é só partir em direção a minha pós-graduação pois o tempo não para

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo o que foi escrito neste terminal sobre minha história de vida, evidenciando fatos referentes a infância e ascensão educacional e profissional, estava visando a efetivação dessas informações em forma de registro acadêmico.

As lembranças surgiram espontaneamente, mas sempre de maneira cronológica, organizada, objetiva e talvez porque estas estejam escondidas em algum espaço dentro dos meus pensamentos, ou até mesmo em outro lugar além do que posso imaginar.

O ponto principal desse memorial foi entender como as recordações de minha infância foram tão perfeitas e entender que minhas brincadeiras, família e amigos foram e são realmente essenciais, assim como atuação dos professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, e como eles conseguiram influenciar substancialmente e profissionalmente o que sou hoje.

Os exemplos positivos relacionados a quase tudo que vivi foram mais interessantes e marcantes dos que os negativos. E o que se refere aos meus professores, os exemplos negativos serviram para mostrar o profissional que eu não gostaria de ser, e de certa forma isso me ajudou a ter um direcionamento mais inteligente, o que me conceitua cada vez mais para poder realmente ajudar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, sempre com clareza, reflexão e ética.

As considerações diante desse memorial, indicam expectativas de aprofundamento sobre isso, para que possa relembrar com mais precisão sentimentos e lembranças, que sei que ainda permeiam meu ser. Sinto-me extremamente feliz e satisfeita em poder contribuir com as pessoas que tiverem acesso a esses estudos.

Concluo meu trabalho sobre minhas memórias e minha trajetória como parte de uma história que apesar de ainda ter muito o que trilhar, é uma grande ferramenta de reflexão e motivo para continuar crescendo, me aperfeiçoando e me orgulhando de tudo o que já construí e com muita vontade de seguir adiante para concretizar os sonhos que ainda faltam para minha realização pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane, Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ARÍSTOTELES. **Ética a Nicomaco**. Livro I, cap. 7, 1998^a, Coleção os Pensadores. São Paulo: abril Cultural, 1973, p. 256.

AZEVEDO, MCP. **Situações de ensino-aprendizagem: análise de uma sequência didática de física a partir da Teoria das situações de Brousseau. 2008.284 p.** 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (mestrado em Educação). FE-USP, São Paulo.

BOSI, Ecléa. **Memória Sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa: **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARRILHO, M. F et al. **Diretrizes para elaboração de Memorial de Formação**. Metodologias do trabalho científico. Natal: Editora da Universidade Rural do Rio Grande do Norte. 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. 12^a ed. São Paulo: Ática, 2002, p.172-173

CHASSOT, Ático. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 3^a ed coleção educação em química, Rio de Janeiro: Ijuí Editora, 2001, 404p.

D'AMORE, Bruno. **Elementos de didática da matemática**. Editora Livraria da Física, 2007

DIMENTEIN, G; ALVEZ, R. **Fomos maus alunos**. 2^a ed -Campinas: Papyrus, 2003

DURKHEIM, Emile. **Divisão do Trabalho Social**, São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 50.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2005.

_____, J. B. **Educação do corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.

_____, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 1997.

_____, P e SHOR, Ira (1987) **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra

GODOTTI, Moacir. **Perspectiva da gestão escolar e o papel do diretor**. Paraná, 2004

_____, Moacir; ROMÃO, José, C. **Autonomia da escola**. 6^a ed. Cortez (2004).

GOMES, Ângela de Castro, **Cidadania e direitos do trabalho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GONÇALVES, T. V. D.; GONÇALVES, T. D. **Reflexões sobre uma prática docente situada:** buscando, novas perspectivas para a formação de professores. Ln: Geraldi, Corinta Maria Grisdia; Fiorentini, Dario; Pereira, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org.) Cartografia do trabalho Docente: Professor (a) Pesquisadora (a), Campinas- SP: Mercado de Letras: Associação de leituras do Brasil- ALB, 1998

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Editora Centauro, 1993.

LOBATO, Vivian, da Silva. **EDUCAÇÃO, Memória e história:** possíveis enlaces. Revista Margens Interdisciplinar, 2016, v. 8, n. 10, p. 77-96,

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Manual da Aprendizagem:** o que é preciso saber para contratar o aprendiz. Brasília: MTE, SIT, SPPE, ASCOM, 2013. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Boletim Mensal de Indicadores do Mercado de Trabalho-Resumo dos Contratos de Aprendizagem, n. 02.

ORTIZ, J. P. **Aproximação Teórica a Realidade do Jogo.** In: Murcia, J. A.M **Aprendizagem através do jogo.** Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005.

RICOUER, Paul. **Percurso do reconhecimento.** Edições Loyola, 2006.

ROCHA, Ademir. **História-Memória e Cultura em Fotos Antigas de Abaetetuba e Baixo Tocantins.** In: Blog do Ademir Rocha - 17 de maio de 2014. Disponível em:< <http://ademirhelenorocha.blogspot.com/2014/05/historia-memoria-e-cultura-em-fotos.html> >. Acesso em : 14 de maio de 2017.

SAVIANI, Demerval (1984): **O ensino básico e o processo de democratização de sociedade brasileira.** Revista da Ande, nº 7 São Paulo.

SCOTTINI, Alfredo. **Minidicionário escolar da língua portuguesa.** Blumenau, SC: Todo livro Editora, 2009, p. 1-352.

SILVA, Antônio Carlos Bastos. A problematização da ciência em sala de aula: uma estratégia que deu certo. In: CHAVES, S. N.; MAUES, J.; GONÇALVES, T. V. O. (org.). **Memórias de Formação e Docência:** Histórias e Trajetórias de Transformação. Belém: CEJUP, 2007.

SOARES, Magda Becker. **Metamemória-memórias:** travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2ª ed. 2001(coleção educação contemporânea, Série memória da educação)

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio.** Atual, 2013.